

## SIMPÓSIO AT195

### SIMON VS. A AGENDA NORMATIVA: LUTA POR REPRESENTATIVIDADE NAS PÓLIS LATINO-AMERICANAS

SILVA, JUAN DOS SANTOS

Professor substituto do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e  
mestrando em estudos da linguagem (PPGEL-UFRN)  
juanfflorencio@gmail.com

CASADO ALVES, MARIA DA PENHA

Professora Dra. Associada do Departamento de Letras (UFRN) e do Programa  
de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem(UFRN)  
penhalves@msn.com

**Resumo:** Este artigo discute a construção de identidades homoafetivas na juventude em ambientes educacionais a partir de um paralelo construído entre a obra “Simon vs. a agenda homo sapiens” (2015) e os dados construídos em pesquisa realizada com alunos e ex-alunos LGBTQ do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. A partir de pressupostos do Círculo de Bakhtin, é possível agregar à discussão questões como a alteridade e o acabamento resultante dos processos de interação, seja com outros sujeitos que nos dão acabamento, seja por personagens de obras literárias ou da mídia em geral. Objetiva-se, portanto, compreender como essas identidades são construídas, negociadas e silenciadas nesses espaços de ensino - em geral localizados em cidades de pequeno porte- e como a literatura é capaz de refletir esse processo servindo como espelho da realidade e, por vezes, como convite para que se reelabore realidades do mundo da arte para o da vida. Ao entender os sujeitos como historicizados e produtores de enunciados valorados (VOLÓCHINOV, 2017) se faz necessário adicionar teóricos como Moita Lopes (2002), nas questões de sexualidade na escola, Hall (2015) para a compreensão da formação identitária e Canclini (2008) para compreender esses processos de formação identitária na América Latina. Esse construto se insere na Linguística Aplicada e tem sua construção metodológica amparada no paradigma indiciário (Ginzburg, 1985).

**Palavras-chave:** Identidade; IFRN; Homoafetividade; Acabamento; Alteridade.

**Resumen:** Este artículo discute la construcción de identidades homoafectivas en la juventud en ambientes educativos a partir de un paralelo construido entre la obra "Simon vs. a agenda homo sapiens" (2015) y los datos recolectados en investigación realizada con alumnos y ex alumnos LGBTQ del Instituto Federal de Rio Grande do Norte. A partir de presupuestos de Bakhtin y del círculo, es posible agregar a la discusión cuestiones como la alteridad y el acabado resultante de los procesos de interacción, sea con otros sujetos que nos dan acabado, sea por personajes de obras literarias o de los medios en general. Se pretende, por lo tanto, comprender cómo esas identidades son construidas, negociadas y silenciadas en esos espacios de

enseñanza-en general localizados en ciudades del interior- y cómo la literatura es capaz de reflejar ese proceso sirviendo como espejo de la realidad y, a veces, como invitación para que se reelabore realidades del mundo del arte para el de la vida. (2002), en las cuestiones de sexualidad en la escuela, Hall (2015) para la comprensión de la formación identitaria y Canclini (2008), a entender los sujetos como historicosos y productores de enunciados valorados (VOLÓCHINOV, 2017) se hace necesario añadir teóricos como Moita Lopes (2002) para comprender estos procesos de formación identitaria en América Latina. Este constructo se inserta en la Lingüística Aplicada y tiene su construcción metodológica amparada en el paradigma indiciario (Ginzburg, 1985).

**Palavras clabe:** Identidad; IFRN; Homoafetividade; acabado; Alteridad.

## Introdução

Na obra Simon vs. a agenda homo sapiens (2016), o leitor conhece o adolescente Simon, de 16 anos, que vive uma vida como a de muitos adolescentes de sua idade. Exceto pelo fato de ser gay e ninguém saber. Esse “fato pequeno” constrói toda a estrutura identitária do personagem, uma vez que ele precisa se regular a todo momento para que os seus amigos e familiares não percebam sua condição sexual, uma vez que pode ser o caminho para uma série de acontecimentos ruins para quem, assim como Simon, tem uma condição sexual diferente da hegemônica. Discutir questões relacionadas ao sexo ainda permanece sendo um tabu em diversas regiões do mundo, sobretudo, discutir sobre práticas sexuais que fogem da cosmovisão do ideal ou socialmente valorizado. Assim, é possível estabelecer pontes entre o que é narrado na ficção da obra com a realidade de diversos sujeitos juvenis.

Assim, este trabalho objetiva traçar paralelos entre a narrativa YA<sup>1</sup>, exemplificada pela obra de Becky Albertali, e a realidade de jovens ainda em contexto escolar. Para isso, alunos dos campi do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) participarão da pesquisa a fim de ilustrar as problemáticas refletidas e refratadas na obra literária e suas implicações na arena discursiva em que esse sujeitos se encontram.

## 1. Os cacos identitários pela cidade

<sup>1</sup> Utilizaremos a abreviação YA para substituir Young Adult ao longo do trabalho.

Sem a elegância dos muros de defesa, dos arqueiros atentos ao longo das muralhas e das torres de vigias, as cidades contemporâneas parecem abertas a uma série de infiltrações promovidas por uma livre circulação. A imagem de uma cidade antiga já nada se parece com a cidade contemporânea recheada de constantes invasões, as quais mesmo quando não se dão de forma física, ocorrem de forma virtual, com os celulares e computadores ligados à internet, por exemplo. Ao passo que as cidades parecem adentrar um caminho de intercâmbios cada vez mais crescentes e promover a interação efetiva entre seus habitantes e os forasteiros, na verdade ela se mantém muito próxima da sua arquitetura tradicional. Os muros de defesa se metamorfoseiam em fronteiras que deixam cada vez mais claro quem pertence ou não àquele lugar, o que é feito graças aos arqueiros – substituídos pelos sujeitos que vigiam outros sujeitos em busca de identificar diferenças – enquanto algumas instituições, de suas torres de observação, se encarregam de cuidar daqueles que são destoantes. A cidade, desde os primórdios, cria seus tipos relativamente estáveis de sujeito. Aos que não cabem nesse modelo, às margens, a exemplo dos calabouços, é uma opção.

A cidade é uma das muitas esferas nas quais a linguagem se desenvolve como atividade e resulta em uma arena discursiva na qual lutam seus sujeitos – ou moradores. Cada cidade, como resultado de suas práticas e embates de linguagem, produzirá valores a determinadas práticas, modos de ser e de viver. Em consequência, os embates tendem a acontecer sempre que um modelo que fuja do padrão aparecer e for, para o sistema, uma força centrífuga<sup>2</sup>. As cidades mais conservadoras do Brasil tendem a ser aquelas mais distantes da capital, tendo em vista serem aquelas em que determinados intercâmbios com sujeitos diferentes é mais raro e, em termos tecnológicos, não recebeu os frutos da globalização em equidade com regiões mais privilegiadas. Assim, essas cidades tiveram a oportunidade de monologizar ainda mais seus discursos, sobrepondo um discurso acima dos demais e

---

<sup>2</sup> Força que age em favor da descentralização de determinados valores, oferecendo resistência ao que se tem como bom e ideal, e formando possibilidades outras de construção.

operando para que ocorra uma certa homogeneização entre os sujeitos desse grande clã.

Sobre essa questão, ao construir os paradigmas basilares para a visão de linguagem defendida pelo Círculo de Bakhtin, Volóchinov (2017) discute a dinâmica de uma base que constrói a realidade tecnocrática a ser seguida por uma superestrutura que seguirá toda uma forma de organização sociopolítica baseada em um modelo que sustente o sistema como pensado na base da pirâmide, pela infraestrutura. Essa relação de submissão não aparece nos escritos do autor de forma mecânica, mas antes de forma dialética, pensada pelos sujeitos que, em determinado momento, detêm o poder maior – os meios de produção. Assim, a cultura, os modos e, sobretudo, os valores construídos nas cidades, principalmente nas cidades distantes da capital, não são justificáveis por razões divinas, dadas ou mecânicas. Antes foram produzidas pela dialética, ganharam materialismo pela interação dos sujeitos. Os sujeitos apoiam o próprio sistema que os aprisiona e persegue os seus iguais, por já não se considerarem como iguais. Nessa caça às bruxas, gays, negros, pessoas trans, indígenas e outras minorias aparecem nas cidades em cacos, em pequenas pistas. A plena materialização desses sujeitos é ameaçada pelo valor que sua existência carrega. A evidência do diferente é o primeiro passo para a sua respectiva marginalização. Assim, pequenas pistas de suas identidades são visíveis ao longo da cidade, o que convida muitos outros a catarem esses “cacos”, construir em inteligibilidade e, a partir daí, tomar um posicionamento, nem sempre ético, mas sempre responsivo.

## **2 Alteridade e acabamento**

Se as relações entre a base e superestrutura não se dão de forma mecânica, mas fundada sobre os alicerces da dialética, deve-se entender os sujeitos não como meros receptores de modos de ser e agir no mundo, mas como construtos situados em determinado tempo e espaço e prontos para agir de acordo com suas questões axiológicas e valorativas construídas – e ainda em construção ao longo do tempo. Assim, podemos sair em defesa de um “eu

existo”, do ser humano concreto, real que vive e interage socialmente com os companheiros do presente e do passado (com a história que o antecede). Todos esses sujeitos valoram, a capacidade de produzir valor está no “sangue e na carne” daqueles que compõem os grupos sociais. Todos os valores morais, éticos, científicos, estéticos, religiosos, econômicos, sociais, enfim, todos os valores fazem parte da experiência da vida realmente vivida e são experimentados pelos sujeitos como algo dado e ainda potencialmente transformado, no sentido de circularem socialmente e se tornarem “válidos individualmente” ou não. Isso implica um sujeito responsivo. Suas escolhas, por assumir certos valores e, automaticamente, negar outros, faz do sujeito de modo algum um ser indiferente. Essa não indiferença mostra que é valor aquilo que é realmente afirmado para aquele que pensa (BAKHTIN, 2017), pois assume uma posição emocional volitiva em relação aos valores que ele reconhece.

Para além disso, essa posição não pode ser tomada fora de um nós. Afinal, é no processo de interação que os sujeitos reconhecem o outro, e na percepção e contemplação desse outro que se observa valores outros, questões outras e, sobretudo, um outro corpo. Um ser em uma outra moldura. Eu o observo de um jeito que não consigo observar a mim mesmo. Minha interação com o outro me faz compreender melhor a mim e ao mundo que estende para além dele. Ao dar acabamento ao outro, me constituo também. Assim, para Bakhtin (2017), a interação está baseada na alteridade. Somente o outro pode ter acabamento por mim, e somente o outro pode me dar acabamento. Portanto, ao discutir identidade, a necessidade de uma visão dela como inacabada é essencial para se compreender um processo de emolduramento que necessita da contemplação do outro e da inegociável capacidade de inacabamento, uma vez que os choques de valores ao decorrer das interações promoverá, constantemente, mudanças no que, por vezes, parece acabado em definitivo. Assim, a identidade homoafetiva, teve diversas valorações ao longo da história e do local em que se manifestou. Por vezes abominável, outras banal, quase sempre tabu e, principalmente, sempre

delegada ao escuro. Compreender essa manifestação na ótica marxista e do círculo de Bakhtin, é essencial para compreender de onde surgem as penitências aos corpos que se deixam tatuar os signos da homoafetividade.

### 3. A agenda normativa e a escola centrífuga

Apesar de não ser um herói grego, Simon, enquanto sujeito juvenil vivendo na contemporaneidade, também possui uma “profecia” a ser cumprida na sua vida. Uma hora ou outra ele será rejeitado pelas pessoas que ama. A sua profecia não foi dada por uma vidente, ou por um deus que se incumbiu de lhe dar a notícia ou enviou um mensageiro, nem mesmo por um oráculo ou coisa parecida. A sua profecia lhe foi dada pela sociedade. Se descobrir gay na sociedade brasileira, sobretudo no Nordeste e no interior dos estados que o compõem, é uma sentença de ser visto como diferente, pecador e corpo monstruoso. Entre o se descobrir gay e performar essa identidade sexual, é que está o grande dilema do herói da narrativa e dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa, afinal, o se descobrir gay depende de uma relação de alteridade, no qual já tendo contemplado e entendido o sentido de ser gay, compreendo que também faço parte ou não daquela construção. Por outro lado, a descoberta pode não estar no mesmo passo da performance, daí a metáfora do armário. Entre se descobrir e performar essa identidade há um caminho muitas vezes longo para alguns.

Ao se propor investigar essa possibilidade de performance nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, o fazemos por duas questões principais: o fato de o IFRN ser considerado uma escola receptiva às diferenças e sua presença em diversas cidades do Rio Grande do Norte, tanto em cidades maiores quanto menores – estas sobretudo localizadas no interior do estado. Buscamos entender se a primeira questão se sustenta e a instituição é, de fato, receptiva à comunidade LGBTQ+ - com foco aos grupos relacionados à sexualidade em detrimento ao gênero – e como a realidade literária vivida por Simon se aproxima da realidade de jovens da instituição.

Na narrativa da obra, é perceptível que o medo de Simon não é por ser um corpo errado ou pecaminoso, mas com o fato da sua vida mudar completamente no momento em que ele se intitular como homem gay. O personagem teme que as pessoas o visualizem de uma forma diferente e o seu mundo já não seja o mesmo. Durante a narrativa, é evidente que não há um medo latente da violência por ser diferente, uma vez que seus amigos parecem tratar a questão com naturalidade, bem como os seus pais. No mundo da vida, por outro lado, os sujeitos temem tanto a reação dos amigos e dos colegas da escola, que pode resultar tanto em rejeição quanto em violência, quanto a reação da família, em geral moldada por valores cristãos que tendem a repulsar os corpos homoafetivos.

Antes de entrar no IF eu morava em Natal, estudava em uma escola particular da Zona Norte e já estava cursando o 2º ano do Ensino Médio. Na época ela era uma amiga da escola, mas nos falávamos mais pela internet, acho que ela também não tinha muita certeza sobre sua sexualidade, mas conversávamos muito sobre. Ela escrevia fanfics baseadas no shippe lésbico SwanQueen da série Once Upon a Time, eu lia e me sentia diferente, como se de algum modo soubesse que aquilo ali descrito poderia facilmente acontecer comigo. Durante um trabalho de inglês, no qual tínhamos que fazer um curta, eu e ela trabalhamos juntas na construção do roteiro e direção, e foi nesse processo que nos descobrimos apaixonadas. Foram cerca de seis meses entre a descoberta e o primeiro beijo e uma semana entre o beijo e o pedido de namoro. Depois disso, eu me sentia muito confortável comigo, como se nada faltasse, mas vivia uma vida dividida entre quem eu era dentro de casa e quem eu era fora. Me mudei para o interior depois que minha família descobriu o relacionamento. Foi uma situação completamente constrangedora, pois meus pais reagiram, na época, de uma maneira muito extrema. Me tiraram da escola com o apoio da coordenação do colégio, de modo que finalizei as provas do terceiro bimestre na sala da coordenadora. Hoje eles já conseguiram assimilar e digerir toda a situação, me respeitam e me apoiam na busca da minha felicidade. Porém, é importante dizer que meus pais vieram do interior, mais precisamente da zona rural de Florânia, então a reação primeira deles é compreensível assim que levamos em consideração seu lugar social, suas construções de valores e estilo de vida. Era muito mais difícil a situação para eles, que descobriram da noite para o dia que sua caçula namorava uma menina, do que pra mim que tive pelo menos 6 meses pra entender o que sentia. (GARNET, 2019)

Ao se descobrir ou desconfiar ser homoafetivo, os sujeitos tendem a interagir com pessoas LGBTQ+ ou ler/assistir produções que tragam esses sujeitos para o contexto social e, nesse processo, acabam se compreendendo melhor e se conscientizando que aquele outro parece ter algo em comum com quem contempla. Como pode ser visto no exemplo de Garnet, a homoafetividade é valorada de diferentes formas a depender do contexto social em que se manifesta. Ao longo do questionário, respondido por 232 alunos e ex-alunos do IFRN, 72% afirmam nunca ter sofrido qualquer tipo de violência na escola, enquanto no grupo dos que sofreram, 64,8% afirmam ter sido proveniente de outros alunos. Fica evidente, portanto, a partir das respostas de Garnet, como o IFRN teve um papel da sua escola anterior, a qual apoiou seus pais na tentativa de suprimir a identidade lésbica da filha e como performar essa identidade, mesmo em ambientes como a capital, para além do espaço do armário pode atrair práticas de contenção e policiamento.

### Considerações finais

A entrada do IFRN no interior do estado do Rio Grande do Norte é uma força centrífuga por si só ao se propor a levar educação de qualidade a quem sempre foi privado dela. O fato de prover a reflexão sobre velhos valores e a corrosão de práticas naturalizadas e opressoras apenas amplia os raios corrosivos que a escola lança ao longo das comunidades em que está presente. Assim como Simon, os alunos da instituição lutam contra uma agenda do homo sapiens que parece ter naturalizado ao longo do tempo o compromisso de ser uniforme, mesmo com tantas possibilidades de ser plural.

### Referências

ALBERTALLI, Becky. **Simon vs. a agenda homo sapiens**. Intrínseca: Rio de Janeiro, 2016.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

GARNET. **Pesquisa para produção científica**. 2019.